

ELISA DE SOUSA

Faculdade de Letras; Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
ORCID: 0000-0003-3160-108X

e.sousa@campus.ul.pt

LÍDIA FERNANDES

Arqueóloga. Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano. EGEAC/CML

lidiafernandes@egeac.pt

A CERÂMICA DE TIPO KUASS DAS ESCAVAÇÕES DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

KUASS WARE FROM THE EXCAVATIONS OF LISBON'S ROMAN THEATRE

“Conimbriga” LVIII (2019) p. 101-126

https://doi.org/10.14195/1647-8657_58_3

RESUMO: Neste trabalho é apresentado o conjunto de cerâmica de tipo Kuass recuperado durante as escavações efectuadas na área do Teatro Romano de Lisboa. Trata-se de um conjunto reduzido, com apenas quatro exemplares, mas cuja importância é inegável considerando que corresponde a uma das áreas mais longínquas da fachada ocidental atlântica onde se documentaram estes materiais de cariz helenístico. A cronologia proposta para o conjunto é também relevante, uma vez que estes artefactos parecem ter chegado a Lisboa num momento muito tardio, provavelmente já relacionado com a reintegração deste território nos circuitos comerciais de larga escala durante a fase romano-republicana (segunda metade do século II a inícios do século I a.C.).

PALAVRAS-CHAVE: Lisboa; Cerâmica tipo Kuass; Romano-republicano; Ocidente atlântico.

ABSTRACT: In this paper we present the Kuass ware assemblage recovered during the excavations that took place in Lisbon's Roman Theater area. The set is small, with only four fragments, but its importance is indisputable considering it is one of the most distant areas in the Western Atlantic Iberian Peninsula where these "Hellenistic" artifacts were found. The chronology we propose for these fragments is also relevant, considering that these vessels seem to have arrived to Lisbon during latter times, probably in the framework of the reintegration of the Western areas in the large-scale commercial circuits of the Roman Republican Period (2nd half of the 2nd century / early 1st century BC).

KEYWORDS: Lisbon; Kuass ware; Roman Republican; Western Atlantic.

A CERÂMICA DE TIPO KUASS DAS ESCAVAÇÕES DO TEATRO ROMANO DE LISBOA

1. Introdução

A cerâmica de tipo Kuass foi, pela primeira vez, identificada em Portugal no final da década de 90, no Castelo de Castro Marim (ARRUDA 1997). Desde essa altura, os dados disponíveis sobre a sua frequência e distribuição ao longo do território nacional têm aumentado exponencialmente.

Estas produções helenísticas surgem nos momentos finais do século IV a.C., muito provavelmente em torno ao seu último quartel, sendo um dos principais fósseis directores da fase final da Idade do Ferro no território culturalmente integrado no Círculo do Estreito de Gibraltar (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2003). A sua fase inicial é marcada, sobretudo, pela imitação de alguns protótipos de cerâmica grega de época clássica, sofrendo posteriores influências de outros repertórios de cerâmica de mesa mediterrâneos, muito especialmente a partir da integração do Ocidente nos circuitos comerciais romanos. Ao longo de toda a sua produção, a preferência pela utilização de engobes de tonalidades avermelhadas é constante, sendo este um dos principais elementos caracterizadores da cerâmica de tipo Kuass (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2003).

A perduração desta categoria cerâmica, em território peninsular, durante o período romano republicano, foi, num primeiro momento, assumida com certas reservas, tendo sido interpretada como um período de declínio destas produções ocidentais (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2003: 185-186). Contudo, os contextos de consumo do Algarve demonstraram, de forma sistemática, que a utilização da cerâmica de tipo Kuass manteve um peso importante no quadro do serviço de mesa destas comunidades entre o final do século II e inícios do século

I a.C., representando entre 18% e 39% dos conjuntos de cerâmica fina, como se observa na área do Monte Molião, em Lagos (SOUSA 2010: 527; SOUSA, PEREIRA e ARRUDA no prelo). Mesmo em outros sítios meridionais com ocupação coeva que não possibilitaram uma análise quantitativa mais exacta, como é o caso de Faro (SOUSA 2009; 2010) e do Forte de São Sebastião (ARRUDA e PEREIRA 2008), é possível observar que estas produções ocidentais helenísticas surgem ainda de forma significativa no quadro dos repertórios artefactuais romano-republicanos. Para fases mais tardias contamos unicamente com um contexto arqueológico recuperado no Castelo de Castro Marim, cuja cronologia nos remete já para um período centrado em torno aos meados do século I a.C., sendo aqui a cerâmica de tipo Kuass claramente residual no repertório do serviço de mesa, com uma representatividade de apenas 6% (SOUSA 2010: 524).

Outros dados relevantes sobre o uso das produções de tipo Kuass em época romano-republicana têm sido também divulgados durante os últimos anos. Ainda no sul do território português, em Mértola, a existência de mais de uma centena destes fragmentos em contextos datados do último terço do século II a.C. foi recentemente valorizada (SORIA e PALMA 2017). Na área andaluza, é também importante referir os dados recuperados nas escavações dos fornos de Pery Junquera (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2004) e os trabalhos recentemente realizados no Baixo Guadalquivir, que demonstraram a perduração desta categoria cerâmica em momentos tardios do 1º milénio, que chegam a atingir, neste último caso, os finais do século I a.C. (MORENO MEGÍAS 2016; ESCACENA CARRASCO e MORENO MEGÍAS 2014). Por último, deve também sublinhar-se as estratigrafias recuperadas na costa ocidental marroquina, em *Lixus*, nas quais se evidenciou a perduração destas produções cerâmicas até momentos avançados do período romano-republicano (ARANEGUI GASCÓ 2001, 2005).

Com efeito, a acumulação destes dados conduziram a uma recente revisão das balizas cronológicas estabelecidas para as produções de tipo Kuass, admitindo-se agora que possam perdurar até, pelo menos, ao final do primeiro quartel do século I a.C. (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2014; NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS e SÁEZ ROMERO 2016).

2. O conjunto de cerâmica de tipo Kuass recolhido durante as escavações realizadas no Teatro Romano de Lisboa

As várias campanhas de escavação realizadas no Teatro Romano de Lisboa (FIGURA 1 E 2) e na sua área envolvente proporcionaram largos milhares de fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro e, sobretudo, de época romana. Entre este vasto espólio, constam unicamente quatro fragmentos (4 NMI) pertencentes a cerâmicas de tipo Kuass (FIGURA 7).

Em termos de contexto estratigráfico, gostaríamos de sublinhar, desde já, que todos os exemplares foram recolhidos em níveis subjacentes ao início dos primeiros trabalhos de edificação da parte sul do monumento cénico. Com efeito, a intervenção arqueológica realizada no interior do museu permitiu perceber, relativamente às soluções de engenharia, de que forma o teatro foi edificado numa área de pendente tão acentuada. O recurso à construção de muros paralelos entre si que permitiram vencer o desnível pela construção de terraços, ou patamares, foi uma solução engenhosa, mas, simultaneamente, muito pragmática (FERNANDES 2013; 2017). Os contextos de cronologia anterior ficaram preservados na parte inferior do arranque das obras de época romana. Uma área nivelada foi conseguida pela regularização do afloramento rochoso, quando este era mais elevado, ou pelo enchimento de áreas mais baixas as quais ficaram subjacentes e preservadas sob tal regularização, como no caso da habitação de cronologia romana-republicana, ou, inclusivamente, dos fornos da Idade do Ferro, que então já se encontrariam desactivados, como adiante será referido (FIGURA 3 e 4).

O grande trabalho inicial foi a colocação de um enorme enchimento de pedras, em três fiadas paralelas entre si, com uma orientação nascente/poente que preencheu a totalidade da área após a demarcação do espaço onde os muros de suporte do teatro assentariam (estrutura do *post scaenium* e muro sul subjacente ao actual terraço do museu). As estruturas pré-romanas e romano-republicanas anteriormente referidas localizam-se, na totalidade, por baixo deste nível de regularização e que mais não fez que dar vazão aos inúmeros blocos pétreos que resultaram do desbaste da rocha no local e área envolvente.

2.1. Prato (TRL/1127)

Um dos exemplares de cerâmica de tipo Kuass recuperados na área do Teatro Romano de Lisboa corresponde claramente a um prato, ainda que a sua classificação exacta possa suscitar algumas dúvidas (FIGURA 7 e 8). A forma mais aproximada existente na tipologia de referência elaborada para as produções de tipo Kuass é a forma V, possivelmente já inspirada no repertório da cerâmica campaniense, concretamente no tipo Lamboglia 36 (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2003: 58-59). Contudo, o fragmento de Lisboa apresenta uma ligeira concavidade na parte superior do bordo que não coincide plenamente com esta morfologia. Outra possibilidade de classificação seria uma outra forma também inspirada ou influenciada pelos protótipos itálicos, concretamente nas produções napolitanas de campaniense do tipo Lamboglia 6. Neste caso, as principais divergências que se observam correspondem à existência, no âmbito destas produções de inspiração itálica (LAMBOGLIA 1952; MOREL 1981) e suas imitações gaditanas (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2004), de um lábio mais desenvolvido e, de certa forma, moldurado.

Formas idênticas à de Lisboa surgem em Faro, tendo sido aí classificadas de acordo com a forma V de Niveau (SOUSA 2009: 160 – n.º 269, 271 e 272). Infelizmente, estes fragmentos que permitem os paralelos mais imediatos encontram-se descontextualizados, não permitindo aferir de forma mais exacta a sua cronologia.

No entanto, em Monte Molião, formas muito semelhantes, classificadas, uma vez mais, segundo o tipo V de Niveau, foram recuperadas em níveis de cronologia romano-republicana, datados entre os finais do século II e inícios do século I a.C. (Sousa e Arruda 2013: fig. 3 – n.º 14778 e 24217; fig. 4 – n.º 13911). Semelhantes são também alguns pratos classificados, na altura, como imitações dos pratos tipo Morel 1331 (SOUSA e ARRUDA 2013: fig. 4 – n.º 18774 e 11399), ainda que actualmente se deva reconhecer que são provavelmente mais similares ao tipo Lamboglia 6 (MOREL 1431/1441/1443).

Uma re-análise dos dados disponíveis e das morfologias permite problematizar um pouco mais esta questão. Com efeito, esta forma específica das produções de tipo Kuass, presente então em Lisboa, Faro e Monte Molião, apresenta algumas diferenças quer com a forma V de Niveau, quer com as produções mais tardias derivadas da campaniense A, concretamente com a forma Lamboglia 6. As morfologias clássicas

atribuíveis ao tipo V apresentam o lábio mais côncavo e geralmente com uma saliência bem marcada na zona interior, ainda que esta não seja recorrente em todos os exemplares. Por outro lado, os pratos já inspirados nas formas itálicas, concretamente no tipo Lamboglia 6, apresentam o lábio bem desenvolvido, e geralmente bem assinalado na sua parte terminal. Considerando estas divergências, cabe sugerir ainda uma outra possibilidade: que esta forma possa corresponder simplesmente a uma evolução dos pratos de peixe (forma II de Niveau) que começa a adquirir uma ligeira concavidade na área externa do lábio, possivelmente como resultado de influências das produções de cerâmica campaniense (sobretudo da forma Lamboglia 6). Contudo, a confirmação desta possibilidade depende, necessariamente, da futura recuperação de perfis completos, de forma a determinar quais as características do fundo destes recipientes, elemento que permitiria distinguir, então, se corresponde a uma evolução no quadro das produções mais arcaicas dos pratos de peixe de cerâmica de tipo Kuass (forma II de Niveau) ou já a uma clara influência das formas itálicas da campaniense napolitana.

Independentemente da sua classificação, um elemento que parece ser relativamente seguro é que se trata de uma forma bastante tardia no repertório das produções de tipo Kuass. Mesmo a forma V surge neste elenco morfológico apenas a partir de meados do século III a.C. (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2014: 138; NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS e SÁEZ ROMERO 2016: 58), podendo atingir ainda cronologias mais tardias, centradas já durante o século II a.C., se estiver relacionada com as influências itálicas das morfologias da Campaniense A (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2014: 139; NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS e SÁEZ ROMERO 2016: 59) – forma Lamboglia 6 –, características sobretudo da segunda metade dessa centúria. Contudo, e apesar destas balizas cronológicas mais amplas, a verdade é que os paralelos mais claros, particularmente os de Monte Molião, parecem apontar para uma fase relativamente tardia para o seu aparecimento nos centros de consumo algarvios, centrada já entre os finais do século II e os inícios do séc. I a.C., sendo esta forma desconhecida em momentos anteriores (SOUSA 2009; SOUSA e ARRUDA 2013).

Este fragmento foi recolhido na campanha arqueológica feita em 2006 no pátio do Museu de Lisboa – Teatro Romano, durante a fase de escavações que decorreu entre 2001 e 2011. Em termos metodológicos, e também históricos, individualizaram-se duas áreas: uma subjacente à recepção do museu e outra no pátio ou jardim. O exem-

plar em questão, tal como os restantes que aqui se analisam, foi recolhido neste último local, concretamente na Vala de Sondagem 11, com uma implantação este/oeste, e situada no limite sul do pátio, junto ao grande muro de contenção dos terrenos (actualmente sobreposto pelo terraço do museu) e de alicerçamento do monumento cénico. O seu contexto de recolha corresponde ao nível 22, um estrato de coloração verde clara com tonalidade amarelada, devido à sua constituição, essencialmente margas de componente argilosa, pouco compacto, que foi registado sobretudo na parte nordeste da vala, identificando-se a sua continuidade para a sondagem contígua (Vala de Sondagem 10, a norte) (FIGURA 5).

Em termos contextuais encontramos-nos no interior de uma habitação de cronologia romana-republicana, responsável pelo encobrimento total dos fornos de produção cerâmica, enquadráveis em momentos tardios da Idade do Ferro, detetados neste mesmo local a uma maior profundidade (CALADO *et al.* 2013: 641-649; FERNANDES e COROADO: no prelo; FERNANDES e FILIPE 2007: 229-253). Os fornos documentam no seu interior uma ocupação dos inícios do séc. II a.C., embora, pela reduzida dimensão das estruturas, não seja possível realizar a sua mais completa caracterização. Em época um pouco posterior, mas ainda no séc. II a.C. regista-se nova ocupação que se traduz no enchimento artificial das estruturas com cotas mais baixas e um nivelamento artificial da área com vista à instalação de uma estrutura habitacional com alguma qualidade, que aproveita o afloramento rochoso para a sua implantação, e o regulariza através de uma camada argilosa espessa que, deste modo, torna a superfície parietal lisa e homogénea. O fragmento em questão integra-se, em termos contextuais, na fase de abandono desta habitação romano-republicana, sendo o sedimento em que surgiu anterior à grande campanha de edificação do teatro romano. Os dados estratigráficos do contexto de recolha são, assim, compatíveis com a cronologia anteriormente proposta.

2.2. Pátera (TRL/10/87)

O segundo fragmento de cerâmica de tipo Kuass recolhido nas escavações do Teatro Romano de Lisboa corresponde a uma pátera de diâmetro relativamente largo e de bordo vertical, de secção arredondada (FIGURA 7 e 9). Trata-se de uma morfologia que parece estar inspirada,

uma vez mais, nas produções de Campaniense A, concretamente nos tipos Lamboglia 5 e 7 (séries 2255 e 2256 de Morel), tendo sido identificada, pela primeira vez, em Pery Junquera (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2004) e, pouco depois, em Faro, em níveis datáveis entre os finais do século II a.C. e os inícios da centúria seguinte (SOUSA 2009: fig. 64 – n.º 201) e também em outros contextos secundários (SOUSA 2009: fig. 74 – n.º 298). Mais tarde, durante as escavações efectuadas no Monte Molião, em Lagos, esta forma é novamente identificada, estando aqui claramente associada a níveis também datados entre os finais do século II e os inícios do século I a.C. (SOUSA e ARRUDA 2013: fig. 4 – n.º 12177 e 11018).

Recentemente esta morfologia foi adicionada à tipologia da cerâmica de tipo Kuass, onde é descrita como uma forma derivada, uma vez mais, do repertório da Campaniense A, concretamente do tipo 55 de Lamboglia (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2014; NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS e SÁEZ ROMERO 2016). Trata-se de uma morfologia tardia, cuja emergência nos repertórios da cerâmica de tipo Kuass ocorre apenas a partir dos inícios do século II a.C. (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2014). Esta mesma forma aparece também em Mesa de El Gandul, em contextos do século II a.C. (MORENO MEGÍAS 2016).

Uma vez mais, este fragmento de pátera foi recolhido na área do pátio, concretamente na camada 11 da Vala da Sondagem 10, na sua metade nascente (FIGURA 6). Este nível é constituído por um sedimento castanho escuro, que se torna progressivamente mais avermelhado à medida do seu registo a uma maior profundidade. Trata-se de um estrato muito compacto, heterogéneo e com cinzas, localizado por cima das margas que constituem o nível geológico e onde foi assente a grande estrutura do *post scaenium*, de forma a possibilitar a construção do teatro. Este estrato prolonga-se para sul (agora na parte designada por Vala de Sondagem 11 – camada 16) sendo correspondente a um nível similar que acompanha o perfil da rocha e o respetivo recorte aquando da edificação da habitação romano-republicana acima referenciada. Apesar deste nível ter proporcionado múltiplos fragmentos característicos da Idade do Ferro, estes surgem associados a fragmentos de ânforas de período romano-republicano, sendo provável que a sua formação tenha ocorrido durante esta última fase, sendo os exemplares mais antigos residuais.

2.3 Taça (TRL/05/4639)

O terceiro fragmento (TRL/05/4639) corresponde a uma das formas mais típicas de cerâmica de tipo Kuass, as pequenas taças de bordo reentrante do tipo IX-A de Niveau de Villedary y Mariñas (FIGURA 7 e 10). Trata-se de uma morfologia que surge desde as fases iniciais do repertório destas produções helenísticas, permanecendo no seu elenco tipológico até à fase final. Com efeito, esta forma é muito abundante nos contextos romano republicanos do Algarve, concretamente em Monte Molião e em Faro (SOUSA 2009; 2010; SOUSA e ARRUDA 2013). Surge também com frequência em Mértola, em níveis datados do último terço do século II a.C. (SORIA e PALMA 2017).

Tal como o anterior fragmento, esta peça foi recolhida nos estratos superiores da Vala de Sondagem 10, especificamente na camada 2-a, sendo as suas características muito semelhantes às do estrato que se sobrepunha (FIGURA 6). Trata-se de uma camada de coloração esverdeada clara, compacta, heterogénea, argilosa e muito granulosa. Apesar de ter proporcionado uma significativa quantidade de espólio de tradição da Idade do Ferro (*pithos*, taças, pratos, potes, ânforas), a presença de um fragmento de *terra sigillata* itálica de produção pisana, com uma marca de M. VALERIVS (15 a.C. – 15 d.C.) (SEPÚLVEDA e FERNANDES 2009: 143-172), assim como de vários exemplares de cerâmicas de engobe vermelho pompeiano (FERNANDES e FILIPE 2007: 229-253), indica que se trata de um estrato muito alterado, com uma percentagem muito significativa de materiais residuais, não sendo impossível que o fragmento de tipo Kuass aqui recuperado possa ter pertencido, originalmente, a um contexto de período romano-republicano.

2.4. Fundo (TRL/06/874)

O último exemplar corresponde a um fragmento de fundo de base aplanada (FIGURA 7 e 11), um tipo de perfil que não é propriamente característico das produções de tipo Kuass. Contudo, vasos com fundos semelhantes surgem nos níveis romano-republicanos da costa algarvia, concretamente em Monte Molião (SOUSA e ARRUDA 2013: fig. 4 – n.º 14220 e 11190), pertencendo a taças classificadas de acordo com a forma Niveau IX-A. Perfis similares também surgem associados a outras morfologias, concretamente a taças de paredes rectas, aparen-

tadas provavelmente com a forma Lamboglia 31, que aparecem, uma vez mais, em níveis datados entre os finais do século II e os inícios do séc. I a.C., quer em Monte Molião (SOUSA e ARRUDA 2013: fig. 5 – n.º 14838), quer na costa ocidental norte africana, em Lixus (BONET ROSADO *et al.* 2005: 90).

O fundo em análise foi recolhido na camada 15 da Vala de Sondagem 10, localizada na parte nascente (FIGURA 5). Trata-se de uma camada de coloração castanha avermelhada, muito compacta e homogênea, localizada por baixo do “derrube/enrocamento” registado na sua parte superior, que é praticamente transversal a toda a extensão da sondagem, tendo a sua correspondência na sondagem realizada imediatamente a sul (aqui com a designação de camada 16 da Vala de Sondagem 11). O material aqui recolhido integra vários fragmentos da Idade do Ferro (cerâmica comum, cerâmica cinzenta, engobes vermelhos e cerâmica pintada em bandas), mas também fragmentos de ânforas de época romana e cerâmica de construção de idêntica cronologia.

2.5. Fabricos

Um último comentário sobre o conjunto do Teatro Romano de Lisboa diz respeito às características de fabrico dos exemplares aí recuperados. Dois fragmentos (n.º 1127 e n.º 874) apresentam pastas de tonalidades amareladas, sendo o engobe, avermelhado, de escassa qualidade, permitindo a sua inclusão no grupo de fabrico III A estabelecido para os conjuntos da área algarvia (SOUSA 2009: 45). Uma outra peça (n.º 87) exhibe um fabrico mais cuidado, sendo a pasta alaranjada e o engobe, também este de tons avermelhados, relativamente espesso e aderente, integrando-se assim no fabrico I A (SOUSA 2009: 44). Por último, o fragmento de bordo de taça (n.º 4639), de pasta também alaranjada mas com mais elementos de calcite, apresenta um engobe bastante estalado, com tonalidades mais escuras (acastanhadas), podendo ser integrado no grupo de fabrico IV (SOUSA 2009: 46).

Para os primeiros dois fabricos (I-A e III-A), admite-se uma origem na zona de Cádiz, a principal área produtora destas cerâmicas de cariz helenístico (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2003), ainda que provavelmente de centros produtores ou mesmo de zonas distintas (SOUSA 2009: 47). O restante fabrico (IV) é mais difícil de atribuir a um território específico, tendo sido proposto que poderá corresponder a

uma produção ocidental norte africana, considerando as frequentes inclusões de calcites (SOUSA 2009: 48). Contudo, os estudos recentes desenvolvidos por V. Moreno Megías têm apontado para a existência de uma outra área de produção de cerâmicas de tipo Kuass, provavelmente localizada no Baixo Guadalquivir, onde estão também presentes frequentes elementos de calcites (MORENO MEGÍAS 2016). Com efeito, e atendendo às dinâmicas comerciais quer da fase final da Idade do Ferro quer do período romano-republicano, é mais provável que os materiais englobados no grupo de fabrico IV do Algarve, e também o fragmento de Lisboa, tenham uma origem nesta área andaluza.

Interessante é também notar que, na região algarvia, o grupo de fabrico III adquire a sua maior expressão durante o período romano republicano, atingindo, em Faro, 56% do conjunto de cerâmica de tipo Kuass desta fase (SOUSA 2009) e, no Monte Molião, cerca de 59% (SOUSA e ARRUDA 2013: 653), enquanto que, durante a fase final da Idade do Ferro, os fabricos maioritários se integram no Grupo I (SOUSA 2009). Apesar de o conjunto recuperado no Teatro Romano ser francamente escasso, o facto de este fabrico III ser o mais bem representado poderá ser também um indicador da sua cronologia tardia, quando aliado aos aspectos morfológicos anteriormente descritos.

Com efeito, e considerando todos os elementos anteriormente analisados, a probabilidade de o conjunto de cerâmica de tipo Kuass do Teatro Romano de Lisboa se integrar já em circuitos comerciais do período romano-republicano é grande. Com efeito, pelo menos duas das formas apresentadas, em concreto o bordo de prato e a pátera inspirada no tipo Morel 2255/2256, parecem ser incluídas nos repertórios destas produções do Círculo do Estreito de Gibraltar apenas em momentos tardios, centrados já em torno ao século II a.C. (NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS 2014; NIVEAU DE VILLEDARY y MARIÑAS e SÁEZ ROMERO 2016). Contudo, neste âmbito, cabe dar a devida importância aos centros de consumo da costa do Algarve, especialmente a Faro e a Monte Molião (SOUSA 2009; 2010; SOUSA e ARRUDA 2013), onde estas morfologias aparecem apenas em contextos datados já da fase final do século II a.C. e inícios da centúria seguinte. Também o fragmento de fundo recuperado em Lisboa é um indicador de cronologias mais tardias, considerando que estes perfis mais aplanados são também ocorrências típicas do período romano republicano, denotando prováveis influências das taças de cerâmica campaniense napolitana (Lamboglia 31).

4. Conclusão

A importância do conjunto de cerâmica de tipo Kuass recolhido durante as intervenções realizadas na área do Teatro Romano de Lisboa reside, de forma particular, na sua localização geográfica. Com efeito, trata-se de um dos sítios mais setentrionais da costa ocidental atlântica onde se documentam estas produções.

A presença de cerâmica de tipo Kuass na fachada ocidental atlântica da Península Ibérica é, efectivamente, muito escassa (FIGURA 12). No estuário do Tejo, o único outro sítio que parece ter proporcionado este tipo de materiais é a Alcáçova de Santarém, onde se terão recolhido dois fragmentos pertencentes a pratos de peixe, ainda que esta classificação tenha sido feita com reservas (ARRUDA 1999-2000: 212). Infelizmente, estes materiais são provenientes de contextos secundários, não permitindo fixar com exactidão a sua cronologia.

Malgradamente, a mesma situação aplica-se aos restantes casos conhecidos, concretamente a um prato da forma Niveau II-A recolhido em *Mirobriga* (SOARES e SILVA 1979), uma taça da forma IX de Alcácer do Sal e outras do Castro de Chibanes (SOUSA 2009: 102), sendo impossível determinar, de momento, se correspondem a importações da fase final da Idade do Ferro ou de períodos mais tardios (século II e inícios do I a.C.).

Contudo, e considerando a escassez e mesmo inexistência de outros produtos meridionais importados nestas regiões durante a segunda metade do século IV e os meados do século II a.C., como é o caso de contentores anfóricos (variantes tardias de ânforas tipo Maña Pascual A4, tipo Pellicer D e tipos 8.1.1.2 e 8.2.1.1 de Ramon Torres), e mesmo de outras cerâmicas de cozinha, mesa e armazenamento (SOUSA 2017), parece provável que as cerâmicas de tipo Kuass documentadas nestas estações arqueológicas se relacionem já com a reinserção comercial do Ocidente Atlântico nas rotas mediterrâneas e sul-hispânicas na esfera da conquista romana.

Com efeito, esta mesmas ausências verificam-se em Lisboa. Entre os milhares de fragmentos atribuíveis aos níveis de ocupação da cidade a partir de meados do 1º milénio a.C., as importações são francamente escassas, tendo-se contabilizado apenas alguns fragmentos de ânforas do tipo Pellicer B/C, uma provável importação do tipo Maña Pascual A4, uma ânfora sarda (RAMON 4.1.1.3) e cerca de duas dezenas de cerâmicas gregas (SOUSA 2014, 2017; ARRUDA e SOUSA 2018). No entan-

to, estas raras importações parecem inscrever-se ainda num momento compreendido entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século IV a.C., notando-se, a partir deste último momento, uma total inexistência de materiais importados (SOUSA 2017).

Paradigmático desta situação também é o panorama relativo às produções da área do Tejo que se parecem inspirar em morfologias de cerâmicas gregas de época clássica. Ao contrário do que ocorre na área do Círculo do Estreito de Gibraltar, onde os pratos de peixe e as pequenas taças de bordo reentrante dominam o repertório das produções de cariz helenístico (NIVEAU DE VILLEDARY y MARÍÑAS 2003; SÁEZ ROMERO 2014), as comunidades do Estuário do Tejo selecionam, de forma aparentemente exclusiva, taças de pé alto e perfil carenado, às quais adicionam asas laterais que denunciam claras influências da cerâmica grega e que estão, aliás, também presentes entre o espólio do Teatro Romano (SOUSA 2016; SOUSA e PIMENTA 2017). Uma outra distinção relevante é o facto de estas últimas serem fabricadas em cerâmica cinzenta, não se tendo optado, nesta região, pelos engobes avermelhados que tão bem caracterizam as produções de tipo Kuass.

Estes distintos critérios selectivos, no quadro das influências helenísticas, refletem a existência de dois padrões de consumo bem diferenciados entre a fachada ocidental atlântica e a área comumente designada como Círculo do Estreito de Gibraltar. Apesar de ambas as zonas terem recebido, entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século IV a.C., importações de cerâmicas gregas, a influências destas últimas vai ter um impacto diferenciado nas produções locais, o que seguramente se relaciona com tendências e preferências culturais distintas.

A partir de meados do século IV a.C., a fachada ocidental atlântica parece ter-se desconectado quase completamente dos circuitos comerciais do sul peninsular e, conseqüentemente, também da área mediterrânea, considerando a inexistência de importações seguramente integráveis entre este momento e os meados do século II a.C. Este isolamento da costa ocidental atlântica da antiga *Iberia* parece desaparecer apenas a partir da chegada dos primeiros contingentes militares romanos, que iniciam, nesta altura, campanhas de reconhecimento dos territórios mais ocidentais, reintegrando-os nas redes comerciais de larga escala. Com efeito, a partir de 140-130 a.C., os materiais itálicos (ânforas, cerâmica campaniense, paredes finas, lucernas, cerâmica de cozinha) registam-se de forma abundante não só em Lisboa (PIMENTA 2005; 2014) mas tam-

bém em toda a costa ocidental. E é, provavelmente, neste âmbito, que as primeiras produções de tipo Kuass chegam ao estuário do Tejo. Com efeito, o abastecimento de produtos alimentares e manufacturados aos contingentes militares romanos não incluiu exclusivamente produtos itálicos, mas também contribuições muito significativas da área andaluza, e particularmente da zona de Cádiz. Assim, e associadas às ânforas de tipo 9.1.1.1, Maña C2b e imitações gaditanas de ânforas greco-itálicas (PIMENTA 2005; 2014), terão sido comercializadas também algumas produções de cerâmica de mesa típicas dessa zona, como é o caso da cerâmica de tipo Kuass. Esta chega, contudo, em quantidades muito reduzidas, ao contrário do que se verifica no Algarve e também no sul do Alentejo, em fase *grosso modo* contemporânea (SOUSA 2009; 2010; SOUSA e ARRUDA 2013; SORIA e PALMA 2017).

Os fragmentos de cerâmica de tipo Kuass do Teatro Romano de Lisboa, dois dos quais provenientes seguramente de níveis de cronologia romano-republicana, devem ser interpretados não como evidências residuais de contactos comerciais durante a fase tardia da Idade do Ferro, mas sim como produtos associáveis já à fase da conquista.

Com efeito, a importância das produções de tipo Kuass durante a fase republicana no Ocidente Peninsular tem sido, de certa forma, desvalorizada, e torna-se necessário começar a reconhecer que esta desempenha um papel ainda muito significativo no âmbito dos serviços de mesa desta região até aos inícios do século I a.C., ainda que, naturalmente, menos expressivo quando comparado com o das produções campanienses, que progressivamente passam a dominar esses mesmos repertórios.

BIBLIOGRAFIA

- ARANEGUI GASCÓ, C. (ed. cient.) (2001) - *Lixus – Colonia Fenicia y Ciudad Púnico-Mauritana; Anotaciones sobre su ocupación medieval (Saguntum Extra 4)*. Valência.
- ARANEGUI GASCÓ, C. (ed. cient.) (2005) - *Lixus – 2 Ladera Sur. Excavaciones Arqueológicas Marroco-Españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003. (Saguntum Extra 6)*. Valência.
- ARRUDA, Ana Margarida (1997) - *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica*. Lisboa: Edições Colibri.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999/2000) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo*

indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.). Barcelona: Carrera Edició.

- ARRUDA, Ana Margarida e PEREIRA, Carlos (2008) - As ocupações antigas e modernas do Forte de S. Sebastião (Castro Marim). *Xelb* 8 391-421.
- ARRUDA, Ana Margarida e SOUSA, Elisa (2018) - The Greek pottery of the Tagus estuary. In MORAIS, Rui, LEÃO, Delfim, RODRÍGUEZ PÉREZ e FERREIRA, Daniela (eds.) *Greek Art. Studis in honour of Sir John Biardman on the occasion of his 90 th birthday*. Oxford: Archeopress 187-195.
- BONET ROSADO, Helena, FUMADÓ ORTEGA, Iván, ARANEGUI GASCÓ, Carmen, VIVES-FERRÁNDIZ SÁNCHEZ, Jaime, HASSINI, Hicham e KBIRI-ALAOUI, Mohamed (2005) - La ocupación mauritana. In ARANEGUI GASCÓ, Carmen, (ed.), *Lixus-2 Ladera Sur. Excavaciones arqueológicas marroco-españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003*. Valencia: Universidad (*Saguntum* Extra 6) 87-140.
- CALADO, Marco, PIMENTA, João, FERNANDES, Lúcia e FILIPE, Victor (2013) - Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do teatro romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho. In ARNAUD, José Morais, MARTINS, Andrea e NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 641-649.
- ESCACENA CARRASCO, José Luis e MORENO MEGÍAS, Violeta (2014) - Cerámica de tipo Kuass procedente de Caura. Testimonios de in nuevo centro de producción? *Archivo Español de Arqueologia* 87 75-90.
- FERNANDES, Lúcia (2013) - Teatro romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In ARNAUD, José Morais, MARTINS, Andrea e NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 765-773.
- FERNANDES, Lúcia (2017) - Aspetos construtivos do teatro romano de Lisboa: matérias primas e técnicas edificativas. In ARNAUD, José Morais, MARTINS, Andrea e NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 1265-1278.
- FERNANDES, Lúcia e FILIPE, Victor (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 10-2 229-253.
- FERNANDES, Lúcia e COROADO, Jorge (no prelo) - Novos dados sobre a ocupação pré romana do teatro romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010).
- MOREL, Jean Paul (1981) - *Céramique Campanienne: les formes*. Roma: École Française de Rome.
- MORENO MEGÍAS, Violeta (2016) - *La influencia púnica en las mesas turdetanas: cerámica de tipo Kuass en el Bajo Valle del Guadalquivir*. Sevilla: Universidad.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria (2003) - *Las Cerámicas Gaditanas "Tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Cádiz: Universidad.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria (2004) - La producción de barniz púnico-gaditano en el s. II a.C. Nuevos datos aportados por el conjunto alfarero de

- Pery Junquera (San Fernando, Cádiz). In BERNAL CASASOLA, D. e LAGÓSTENA BARRIOS, L. (eds.), *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*. Oxford: 677-690.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria (2014) - El éxito de la vajilla helenística “tipo Kuass”. Resultado de la adopción de una moda estética o reflejo de transformaciones culinarias y comensales?. In GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José e GARCÍA VARGAS, Enrique (eds), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universitat 119-174.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria e SÁEZ ROMERO, António (2016) - The Red Slip Tableware of Punic and Early Roman Gadir/Gades (4th – 1st cent. BC): an update on the so-called “Kuass Ware”. In JAPP, Sarah e KOGLER, Patricia (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag 55-68.
- PIMENTA, João (2005) - *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia* 41).
- PIMENTA, João (2014) - Os contextos da conquista: *Olisipo e Decimo Jvnio Bruto*. *Cira Arqueologia* 3 44-60.
- SÁEZ ROMERO, António (2014) - Oculto bajo el barniz. Aproximación inicial a las producciones grises de Gadir de época tardoclásica-helenística (siglos –IV/-III). In GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José e GARCÍA VARGAS, Enrique (eds), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universitat 79-118.
- SEPÚLVEDA, Eurico e FERNANDES, Lídia (2009) - As marcas em *Terra Sigillata* de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas de 2005/2006). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12-1 143-172.
- SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares da (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica* 5 159-184.
- SORIA, Vincenzo e PALMA, Fátima (2017) - A cerâmica de tipo Kuass em Mértola (Portugal). As escavações da Biblioteca Municipal. *Archivo Español de Arqueología* 90 77-96.
- SOUSA, Elisa (2009) - *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Cadernos da Uniarq* 4).
- SOUSA, Elisa (2010) - The use of “Kouass ware” during the republican period in Algarve (Portugal)”. In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta* 41 523-528.
- SOUSA, Elisa (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Estudos e Memórias* 7).
- SOUSA, Elisa (2016) - From Greek to Roman Pottery in the Far West. In JAPP, Sarah e KOGLER, Patricia (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag 17-28.

- Sousa, Elisa (2017) - Algumas reflexões sobre a fase tardia da Idade do Ferro no Ocidente Atlântico. *Ophiussa* 1 91-104.
- Sousa, Elisa e Arruda, Ana Margarida (2013) – A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos). In ARNAUD, José Morais, MARTINS, Andrea e NEVES, César (eds.), *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 651-659.
- Sousa, Elisa, Pereira, Carlos e Arruda, Ana Margarida (no prelo) - O serviço de mesa de época republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal).
- Sousa, Elisa e Pimenta, João (2017) – Produções cerâmicas de inspiração grega no Vale do Baixo Tejo. In ARNAUD, José Morais (ed.), *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses 887-895.



FIGURA 1 – *Localização de Lisboa no território português (base cartográfica de V. Gonçalves).*

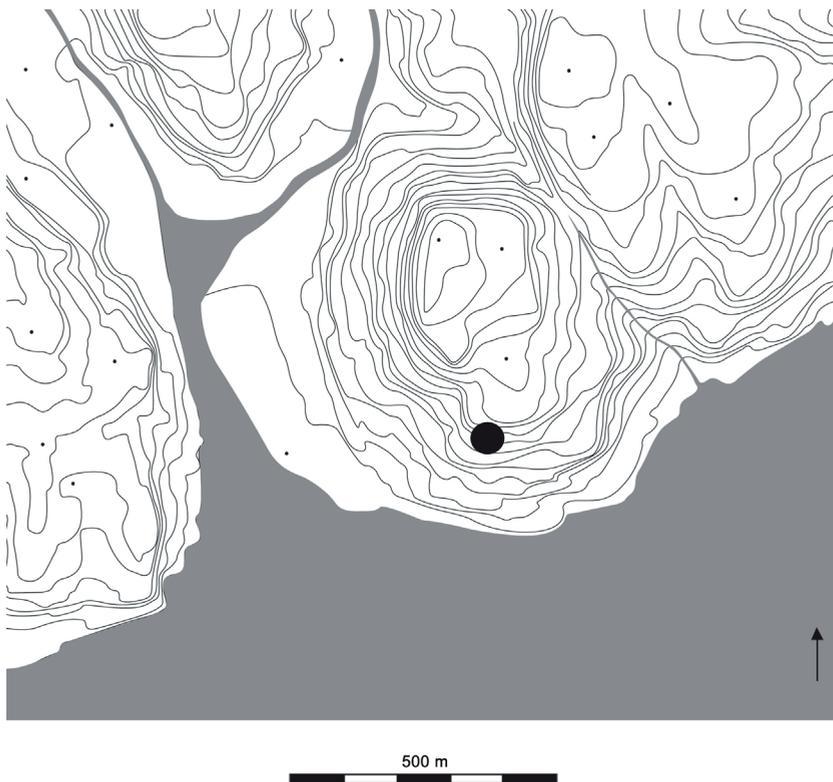


FIGURA 2 – *Localização das intervenções efectuadas na área do Teatro Romano na cidade de Lisboa (base cartográfica de J. Pimenta).*

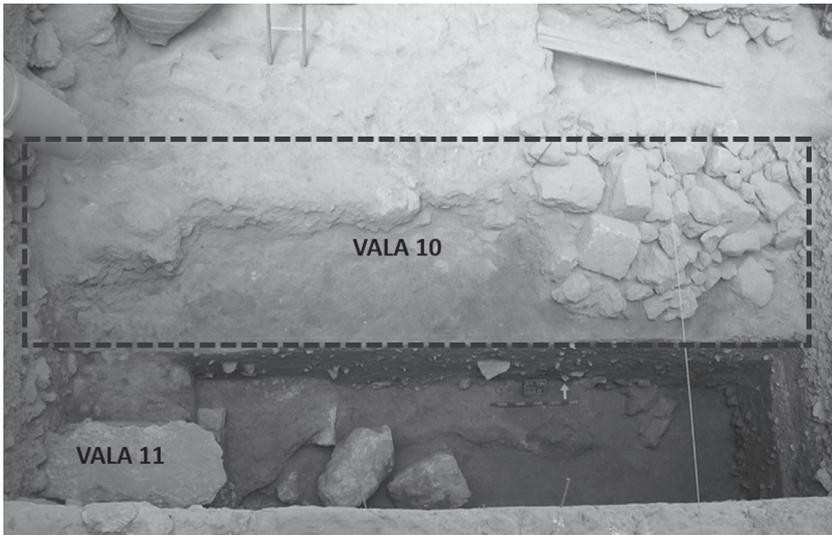


FIGURA 3 – *Perspectiva de sul para norte do pátio do museu encontrando-se parcialmente escavada a vala 11 (com vestígios dos fornos da Idade do Ferro) e a vala de sondagem 10 conservando ainda o enrocamento de pedras que sinaliza o início das obras de construção do teatro romano.*



FIGURA 4 – *Perspectiva de sul para norte do pátio do museu com os fornos da Idade do Ferro integralmente escavados (vala de sondagem 11), assim como parte da habitação de época romano-republicana ainda com parte do pavimento conservado.*

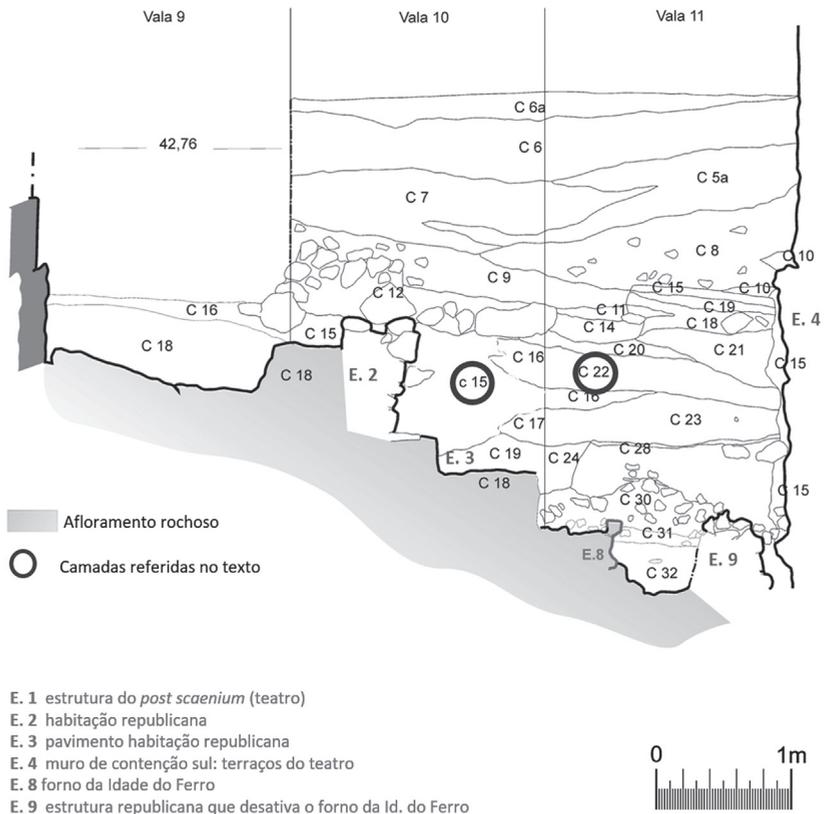
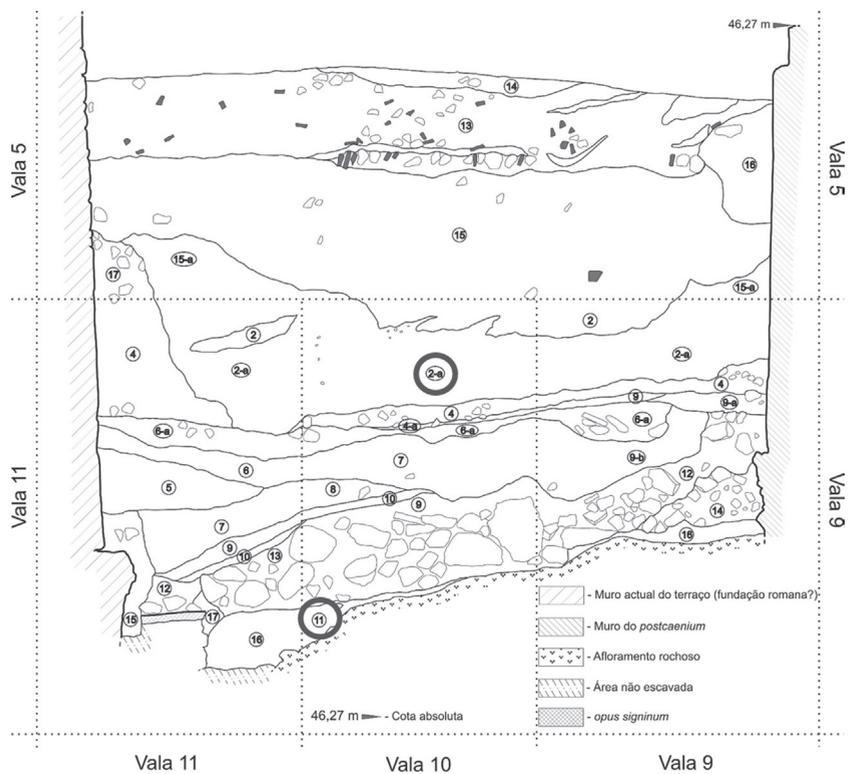


FIGURA 5 – Perfil este da intervenção do pátio (Vala de Sondagem 9, 10 e 11), com indicação duas camadas que proporcionaram cerâmica de tipo Kuass.

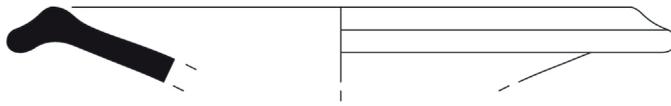


○ Camadas referidas no texto



Teatro Romano de Lisboa Serviço de Arqueologia - Museu da Cidade - C.M.L.		
Pátio: Vale 5	Data: 09/09/06	Perfil: Oeste
Desenho: Lídia Fernandes		Tintagem: Vítor Filipe

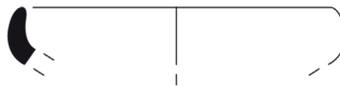
FIGURA 6 – Perfil oeste da intervenção do pátio (Vale de Sondagem 9, 10 e 11), com indicação duas camadas que proporcionaram cerâmica de tipo Kuass.



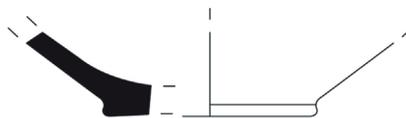
TRL/06/1127 - Grupo III-A



TRL/010/87 - Grupo I-A



TRL/05/4639 - Grupo IV



TRL/06/874 - Grupo III-A

10 cm



FIGURA 7 – Cerâmica de tipo Kuass recolhida durante as escavações na área do Teatro Romano de Lisboa.

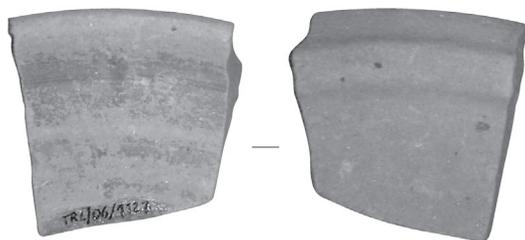


FIGURA 8 – Fotografia do prato (TRL/1127).

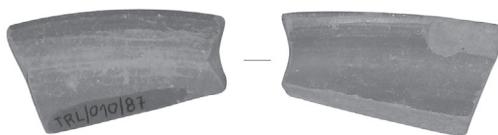
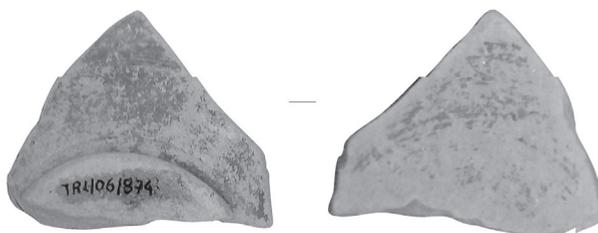


FIGURA 9 – Fotografia da pátera (TRL/10/87).



FIGURA 10 – Fotografia da taça (TRL/05/4639).



10 cm



FIGURA 11 – Fotografia do fundo (TRL/06/874).



FIGURA 12 – *Mapa da distribuição da cerâmica de tipo Kuass no território português em período romano-republicano.*